



CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NA COPRODUÇÃO DE MATERIAL INFORMATIVO SOBRE GEO-HELMINTÍASE EM CONTEXTO ESCOLAR INDÍGENA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

CONTRIBUTIONS OF MEDIA LITERACY TO THE CO-PRODUCTION OF INFORMATIONAL MATERIALS ON GEOHELMINTHIASIS IN AN INDIGENOUS SCHOOL CONTEXT: A PROPOSAL FOR INTERVENTION

CONTRIBUCIONES DE LA ALFABETIZACIÓN MEDIÁTICA A LA COPRODUCCIÓN DE MATERIALES INFORMATIVOS SOBRE GEOHELMINTIASIS EN UN CONTEXTO ESCOLAR INDÍGENA: UNA PROPUESTA DE INTERVENCIÓN

Virginia Guedelho de Albuquerque Carvalho¹, Vilane Adalgisa Tolentino de Lima², Ana Cláudia Ribeiro de Souza³, Tárzia Millene de Almeida Costa Barreto⁴

e757886

<https://doi.org/10.47820/recima21.v7i5.7886>

PUBLICADO: 05/2026

RESUMO

O presente ensaio teórico-metodológico tem como propósito analisar de que maneira a Educação Midiática pode contribuir na coprodução de material informativo sobre geohelmintíases com professores de escolas indígenas, por meio da construção de uma proposta de intervenção didático-midiática. Parte-se do entendimento de que essas doenças ainda representam um importante problema de saúde pública, especialmente em territórios marcados por vulnerabilidades socioambientais, como é o caso de muitas comunidades indígenas. Nesses contextos, os desafios não se restringem à prevenção, mas também envolvem questões relacionadas à comunicação em saúde, à circulação das informações e à necessidade de abordagens que dialoguem com as especificidades das culturas locais. Diante desse cenário, a Educação Midiática é assumida como uma mediação formativa capaz de favorecer processos mais críticos, participativos e interculturais na Coprodução do Conhecimento em saúde. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, que culmina na construção de uma proposta de intervenção, destinada a professores de escolas indígenas, por meio de um itinerário formativo voltado à análise crítica da informação e à elaboração colaborativa de materiais informativos sobre prevenção, na perspectiva do Ensino Tecnológico. Almeja-se que proposta contribua para o fortalecimento do protagonismo docente, para o desenvolvimento da criticidade informacional e para a produção de conteúdos mais contextualizados e socialmente significativos. Além disso, busca-se ampliar as possibilidades de Tradução do Conhecimento científico em linguagens acessíveis às comunidades. Como resultados, espera-se que a partir da aplicação da proposta de intervenção seja possível avaliar a potencialidade da Educação Midiática como estratégia intercultural em Educação em Saúde, na medida em que ela oportuniza a articulação da participação, da autoria, do protagonismo docente, da leitura crítica e do diálogo entre saberes científicos e conhecimentos tradicionais em contexto escolar indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Saúde. Coprodução e Tradução do Conhecimento. Interculturalidade. Ensino Tecnológico.

ABSTRACT

This theoretical-methodological essay aims to analyze how Media Literacy can contribute to the co-production of informative material on geohelminthiasis with teachers from indigenous schools,

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM), Amazonas, Brasil.

²Mestranda do Programa de Pós-graduação em Saúde e Biodiversidade (PPGSBIO/UFRR), Roraima, Brasil.

³Professora Titular do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Amazonas, Brasil.

⁴Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde e Biodiversidade (PPGSBIO/UFRR), Roraima, Brasil.



through the construction of a didactic-media intervention proposal. It starts from the understanding that these diseases still represent a significant public health problem, especially in territories marked by socio-environmental vulnerabilities, as is the case in many indigenous communities. In these contexts, the challenges are not limited to prevention, but also involve issues related to health communication, the circulation of information, and the need for approaches that engage with the specificities of local cultures. Given this scenario, Media Literacy is considered a formative mediation capable of fostering more critical, participatory, and intercultural processes in the co-production of health knowledge. This is a qualitative, exploratory study that culminates in the construction of an intervention proposal for teachers in indigenous schools, through a training itinerary focused on the critical analysis of information and the collaborative development of informative materials on prevention, from the perspective of Technological Education. The aim is for this proposal to contribute to strengthening teacher leadership, developing informational criticality, and producing more contextualized and socially significant content. Furthermore, it seeks to expand the possibilities of translating scientific knowledge into accessible language for communities. As a result, it is expected that the application of the intervention proposal will allow for an evaluation of the potential of Media Literacy as an intercultural strategy in Health Education, insofar as it provides opportunities for the articulation of participation, authorship, teacher leadership, critical reading, and dialogue between scientific knowledge and traditional knowledge in an indigenous school context.

KEYWORDS: *Health education. Co-production and translation of knowledge. Interculturality. Technological Education.*

RESUMEN

Este ensayo teórico-metodológico analiza cómo la alfabetización mediática puede contribuir a la coproducción de material informativo sobre geohelmintiasis con docentes de escuelas indígenas, mediante la elaboración de una propuesta de intervención didáctico-mediática. Parte de la premisa de que estas enfermedades siguen representando un importante problema de salud pública, especialmente en territorios marcados por vulnerabilidades socioambientales, como ocurre en muchas comunidades indígenas. En estos contextos, los desafíos no se limitan a la prevención, sino que también abarcan cuestiones relacionadas con la comunicación en salud, la circulación de información y la necesidad de enfoques que consideren las particularidades de las culturas locales. Ante este panorama, la alfabetización mediática se concibe como una mediación formativa capaz de fomentar procesos más críticos, participativos e interculturales en la coproducción de conocimiento en salud. Se trata de un estudio cualitativo y exploratorio que culmina en la elaboración de una propuesta de intervención para docentes de escuelas indígenas, a través de un itinerario formativo enfocado en el análisis crítico de la información y el desarrollo colaborativo de materiales informativos sobre prevención, desde la perspectiva de la educación tecnológica. El objetivo de esta propuesta es contribuir al fortalecimiento del liderazgo docente, al desarrollo del pensamiento crítico informacional y a la producción de contenidos más contextualizados y socialmente relevantes. Asimismo, busca ampliar las posibilidades de traducir el conocimiento científico a lenguas accesibles a las comunidades. En consecuencia, se espera que la aplicación de la propuesta de intervención permita evaluar el potencial de la alfabetización mediática como estrategia intercultural en la educación para la salud, al brindar oportunidades para la articulación de la participación, la autoría, el liderazgo docente, la lectura crítica y el diálogo entre el conocimiento científico y el saber tradicional en un contexto escolar indígena.

PALABRAS CLAVE: *Educación para la salud. Coproducción y Traducción del conocimiento; Interculturalidad. Educación tecnológica.*



INTRODUÇÃO

As geo-helmintíases são classificadas entre as Doenças Tropicais Negligenciadas (DTNs) e continuam a representar um significativo desafio à saúde pública, especialmente em ambientes marcados por desigualdades sociais, vulnerabilidades ambientais e acesso limitado a serviços essenciais, como saneamento e cuidados de saúde. Nas comunidades indígenas, essa situação é ainda mais crítica, impactada por fatores históricos, territoriais, ambientais, e estruturais que afetam diretamente tanto a exposição quanto as abordagens para prevenir essas doenças (OMS, 2023; Balbino *et al.*, 2023).

Em Lima *et al.* (2026) encontramos evidências de que as DTNs não são apenas um problema biológico, mas um fenômeno socialmente determinado, fortemente ligado às desigualdades estruturais.

Nesse contexto, as geo-helmintíases não podem ser compreendidas apenas sob uma perspectiva biomédica. Elas também se constituem como uma questão educativa, comunicacional e sociocultural, o que exige abordagens mais sensíveis às realidades locais e aos modos como o conhecimento circula nas comunidades (Palhano-Silva *et al.*, 2009).

No ambiente escolar, a prevenção dessas doenças demanda práticas que vão além da simples transmissão de informações sobre higiene ou cuidados com o corpo. Embora campanhas informativas sejam frequentes, sua efetividade tende a ser limitada quando não consideram como as pessoas interpretam, produzem e compartilham informações em seu cotidiano, tornando-se ainda mais evidente em contextos indígenas, onde o conhecimento se constrói em diálogo com saberes tradicionais, experiências coletivas e formas próprias de organização social (Langdon, 2004).

É nesse ponto que a Educação em Saúde, quando orientada por uma perspectiva crítica e intercultural, amplia significativamente sua potência formativa. Em vez de se restringir a orientações normativas, ela passa a valorizar processos de construção coletiva do conhecimento, baseados na escuta, na participação e no reconhecimento dos sujeitos como protagonistas. A partir dessa compreensão, aproxima-se da noção de Tradução do Conhecimento entendida não apenas como simplificação de conteúdos científicos, mas como um processo de mediação de sentidos, capaz de tornar a informação mais acessível, relevante e socialmente significativa (Ferraz, Pereira e Pereira, 2019).

Nesse cenário, a Educação Midiática emerge como um referencial particularmente potente. Ao desenvolver a capacidade de acessar, analisar, avaliar e produzir informações de forma crítica e ética, ela possibilita que professores e estudantes deixem de ocupar uma posição



passiva diante das mídias e passem a atuar como sujeitos ativos na produção e circulação do conhecimento. No campo da saúde, isso se torna ainda mais relevante diante da necessidade de lidar com informações complexas, muitas vezes contraditórias, e de promover autonomia informacional (Carvalho e Souza, 2025; Carvalho, Souza e Anic, 2026; Ferrari, Machado e Ochs, 2020; Freire, Parente e Kapa, 2020).

No contexto da escola indígena, a articulação entre Educação Midiática e Educação em Saúde adquire contornos ainda mais significativos. Ao possibilitar a produção colaborativa de materiais informativos sobre temas que afetam diretamente a comunidade, a Educação Midiática favorece a autoria, a valorização das linguagens locais, a expressão cultural e o diálogo entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais. Tal processo contribui para a compreensão de conteúdos relacionados à prevenção de doenças, e, também para o fortalecimento da participação cidadã, da consciência crítica e do direito à informação em saúde.

Dessa forma, a coprodução de material informativo sobre geo-helminthiases, mediada pela Educação Midiática, apresenta-se como uma estratégia pedagógica, comunicacional e formativa capaz de ampliar a relevância e a efetividade das ações preventivas no espaço escolar. Quando professores são envolvidos na elaboração de conteúdos contextualizados, culturalmente adequados e socialmente significativos, esse processo rompe com lógicas verticalizadas, tanto de ensino como de formação continuada de professores, fortalecendo práticas de aprendizagem mais dialógicas, autorais e territorializadas.

Além disso, a proposta de intervenção dialoga com os princípios da educação escolar indígena e com as seguintes diretrizes e normativas: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica - DCNI (Brasil, 2012); Diretrizes Curriculares de Roraima - DCRR (Roraima, 2019); Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017); BNCC Computação (Brasil, 2022); Estratégia Brasileira de Educação Midiática - EBEM (Brasil, 2025); Programa Saúde na Escola - PSE (Brasil, 2007), e Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento em Saúde⁵ criada em 2023, e gerenciada pelo Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde (Ecos); cujas diretrizes, de maneira integrada e/ou transversal norteiam a formação continuada docente, a formação integral dos estudantes, a valorização da diversidade sociocultural, a promoção da saúde e o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura crítica e à produção de informações em diferentes linguagens, na perspectiva da Educação Midiática.

⁵ Disponível em: <https://ecos.unb.br/rede-brasil/>. Acesso em: 5 abr. 2026.



Nesse sentido, o estudo também se insere em um campo de debate contemporâneo sobre o papel da escola na mediação de conhecimentos socialmente relevantes e na formação de sujeitos capazes de intervir criticamente em problemas concretos de suas comunidades.

A originalidade deste estudo reside justamente na articulação entre quatro campos que, embora inter-relacionados, ainda são pouco explorados de forma integrada: Educação Midiática, Educação em Saúde, coprodução de materiais informativos, coprodução de conhecimentos e educação escolar indígena. Na medida em que coloca as geo-helminthiases como problema concreto de investigação e intervenção, o estudo busca compreender de que modo a Educação Midiática pode contribuir para a produção de materiais educativos mais contextualizados, participativos e culturalmente sensíveis, fortalecendo ações de prevenção e ampliando a participação dos docentes na construção do conhecimento em saúde.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar de que maneira a Educação Midiática pode contribuir na coprodução de material informativo sobre geo-helminthiases com professores de escolas indígenas, por meio da construção de uma proposta de intervenção didático-midiática.

Parte-se da compreensão de que a produção colaborativa de informações em saúde, quando orientada por princípios de criticidade, autoria, Tradução do Conhecimento e respeito à interculturalidade, pode favorecer práticas educativas mais significativas, mais comprometidas com a promoção da saúde e da cidadania, e, mais conectadas à realidade e às necessidades das comunidades.

O presente ensaio teórico-metodológico está assim estruturado: além desta primeira seção de introdução, a segunda seção dedica-se ao referencial teórico; a terceira trata do itinerário metodológico do estudo com enfoque em proposta interventiva para a coprodução do material informativo; e, a quarta dedica-se às considerações parciais, com ênfase para os resultados esperados, incluindo limitações e perspectivas futuras.

1. CONVERGÊNCIA ENTRE EDUCAÇÃO EM SAÚDE, EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E COPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM CONTEXTO ESCOLAR INDÍGENA

Compreender a prevenção das geo-helminthiases no contexto escolar indígena exige o diálogo entre referenciais teóricos que permitam analisar a saúde para além de sua dimensão biomédica, reconhecendo-a como prática educativa, comunicacional e sociocultural.

Nessa direção, esta seção discute as aproximações entre a Educação em Saúde, a Educação Midiática e a Coprodução do Conhecimento, tomando esses campos como bases complementares para a compreensão do objeto investigado, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1. Convergência entre Educação em Saúde, Educação Midiática e Coprodução do Conhecimento



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

A Figura 1 representa, de forma relacional, a convergência entre Educação em Saúde, Educação Midiática, Tradução do Conhecimento e Coprodução do Conhecimento, tendo as geo-helminthíases como eixo articulador da proposta investigativa. A disposição dos quatro círculos evidencia que o enfrentamento desse problema de saúde pública, especialmente em contexto escolar indígena, não pode ser reduzido à transmissão de informações biomédicas, pois exige uma abordagem educativa, comunicacional, intercultural e participativa.

Nesse arranjo, a Educação em Saúde contribui para problematizar práticas de cuidado e prevenção a partir das realidades socioterritoriais; a Educação Midiática atua como mediação formativa para a leitura crítica, a curadoria, a autoria e a circulação ética da informação; a Tradução do Conhecimento possibilita ressignificar o saber científico em linguagens acessíveis, culturalmente pertinentes e socialmente úteis; e a Coprodução do Conhecimento desloca os sujeitos da posição de receptores para a condição de autores e participantes ativos na construção de materiais informativos.

Assim, a centralidade das geo-helminthíases na intersecção dos campos indica que a proposta busca integrar ciência, cultura, comunicação e participação social, fortalecendo práticas pedagógicas contextualizadas, o protagonismo docente e o diálogo entre saberes científicos, escolares e comunitários.



1.1. Educação em Saúde na perspectiva crítica e intercultural

A prática da Educação em Saúde tem sido historicamente marcada por diferentes concepções e abordagens. Em determinados períodos, predominou uma perspectiva normativa e higienista, centrada na transmissão de informações e na prescrição de comportamentos considerados adequados. Sob essa lógica, o processo educativo ocorria de forma hierárquica: profissionais e instituições definiam o que deveria ser ensinado, enquanto os sujeitos assumiam uma posição predominantemente receptiva.

Embora esse modelo tenha tido um impacto significativo na disseminação de protocolos fundamentais de prevenção, suas deficiências tornam-se evidentes em contextos em que o cuidado com a saúde está entrelaçado com processos socioculturais, territoriais e históricos mais complexos (Sousa *et al.*, 2010).

Nessas circunstâncias, o simples domínio técnico de comportamentos preventivos mostra-se insuficiente para produzir sentidos efetivos nas práticas e experiências cotidianas dos sujeitos, sobretudo quando desconsidera os contextos culturais, sociais e territoriais nos quais o cuidado em saúde se constitui. Em contraposição a essa lógica prescritiva, a Educação em Saúde, em perspectiva crítica e interpretativa, passa a compreender o processo educativo como prática dialógica, problematizadora e colaborativa, na qual a produção do conhecimento ocorre de forma compartilhada entre os diferentes sujeitos envolvidos.

Nesse modelo, as pessoas deixam de ser passivas e tornam-se intérpretes ativas de suas próprias realidades, formulando perguntas e construindo significados sobre saúde, doença e cuidado. Essa abordagem ressoa com as ideias de Paulo Freire, em que a educação é uma prática de liberdade, conectada com uma interpretação reflexiva do mundo (Freire, 2011).

No que diz respeito à prevenção de doenças no contexto indígena, é ainda mais aplicável. Isso ocorre porque os conhecimentos relacionados à saúde não podem ser reduzidos a categorias biomédicas universais descontextualizadas das experiências socioculturais locais. As comunidades indígenas constroem e compartilham conhecimento sobre o corpo, território, alimentação, meio ambiente e cuidado, como produtos de suas próprias matrizes culturais, conhecimento que deve ser reconhecido e honrado nas práticas educacionais e de saúde (Sousa *et al.*, 2010; Langdon, 2004).

Portanto, pensar a Educação em Saúde nesses aspectos é perceber a interculturalidade como um engajamento dinâmico por meio do diálogo, escuta e negociação entre formas de conhecer a vida e a saúde, em vez de simplesmente como uma mera justaposição de saberes.



É com base nesse movimento que surgem oportunidades para práticas mais nuançadas, situadas e importantes em um contexto social.

Aqui, a escola torna-se um centro estratégico de mediação entre ciência e experiência humana e costumes comunitários. Por exemplo, no manejo de casos de geo-helminthíases, não é possível prevenir apenas memorizando métodos de transmissão ou procedimentos de higiene. É necessário um apreço situado sobre onde uma comunidade está, as rotinas de vida diária e os meios pelos quais a informação se difunde nessa comunidade.

Assim, a Educação em Saúde deve ser vista como um processo de formação integral voltado para a promoção da autonomia, participação e corresponsabilidade social das pessoas (Brasil, 2007; 2017).

1.2. Educação Midiática e formação crítica para a informação em saúde

A Educação Midiática constitui um campo formativo voltado ao desenvolvimento da capacidade dos sujeitos de acessar, compreender, analisar, avaliar, produzir e compartilhar informações em diferentes linguagens e meios de comunicação (Carvalho e Souza, 2025; Carvalho, Souza e Anic, 2026; Ferrari, Machado e Ochs, 2020; Freire, Parente e Kapa, 2020).

Distanciando-se de concepções que reduzem a mídia a instrumento ou recurso didático, essa abordagem compreende os meios e as linguagens midiáticas como espaços de produção de sentidos, disputas simbólicas, circulação de valores e formação social. Assim, educar midiaticamente significa formar sujeitos capazes de interagir criticamente com o ecossistema informacional contemporâneo, reconhecendo intencionalidades, selecionando fontes confiáveis, produzindo conteúdos e participando ativamente da vida social (Martín-Barbero, 2000; Buckingham, 2003; 2010; 2022).

No contexto escolar, a Educação Midiática adquire especial relevância ao possibilitar que professores e estudantes desenvolvam competências relacionadas à leitura crítica da informação, à expressão autoral, à curadoria de conteúdos e à participação cidadã. Em vez de limitar-se ao consumo de mensagens prontas, os estudantes são convidados a compreender como a informação é construída, quais interesses a atravessam, como circula socialmente e de que modo pode ser apropriada, reinterpretada e transformada em conhecimento significativo. Todo esse processo deve ser mediado pelo professor, compreendido como sujeito capaz de promover práticas pedagógicas crítica e midiaticamente orientadas.

Tal perspectiva fortalece a autonomia intelectual e comunicacional dos sujeitos, aspecto particularmente importante em uma sociedade marcada pela abundância informacional e pela necessidade crescente de discernimento crítico.



Para que a Educação Midiática seja integrada às práticas pedagógicas no contexto da Educação em Saúde, faz-se necessária a formação docente reflexiva, crítica, situada, colaborativa e contextualizada, a partir de necessidades específicas das comunidades escolares e dos desafios da educação na contemporaneidade (Freire, 2011; Imbernón, 2009, 2011; Nóvoa, 2017, 2019).

Quando articulada ao campo da saúde, a Educação Midiática amplia seu potencial formativo ao contribuir para o desenvolvimento da chamada literacia em saúde ou competência crítica para lidar com informações relacionadas à prevenção, ao cuidado e aos direitos em saúde (Smith, 2021; Peres, 2023; Portela *et al.*, 2024).

Nesse sentido, não se trata apenas de compreender conteúdos científicos, mas de desenvolver a capacidade de avaliar a confiabilidade de informações, reconhecer simplificações indevidas, identificar mensagens inadequadas ou insuficientes e produzir formas mais claras, contextualizadas e socialmente responsáveis de comunicação em saúde.

Em contextos escolares indígenas, essa perspectiva ganha contornos ainda mais significativos. Pois, ao valorizar múltiplas linguagens, narrativas e formas de expressão, a Educação Midiática pode favorecer a produção de materiais que dialoguem com os repertórios culturais da comunidade, respeitando modos próprios de comunicação e circulação do conhecimento (Fagundes *et al.*, 2026).

Além disso, ao envolver professores na criação de conteúdos sobre temas que impactam diretamente sua realidade e de suas comunidades, a Educação Midiática fortalece, não somente a formação continuada docente em contextos educacionais indígenas, mas, também, a autoria, a criatividade, o pensamento crítico e a participação coletiva, convertendo a informação em saúde em objeto de reflexão, ação e pertencimento.

É possível ainda ampliar o caráter inovador desta investigação quando destacamos a inter-relação entre Educação em Saúde, Educação Midiática e os processos de Tradução e Coprodução do Conhecimento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável⁶, especialmente os ODS 3, 4 e 10, ao promover uma abordagem integrada, crítica e socialmente comprometida com a transformação das realidades locais.

A articulação entre Educação em Saúde, Educação Midiática, coprodução e Tradução do Conhecimento dialoga diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente os ODS 3, 4 e 10, ao integrar educação, saúde, participação social e equidade em uma mesma proposta formativa. No âmbito do ODS 3: Saúde e bem-estar, essa integração

⁶ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 6 abr. 2026.



contribui para ampliar o acesso a informações em saúde de qualidade, favorecendo a compreensão crítica, a prevenção de doenças e a tomada de decisões informadas, particularmente em contextos marcados por vulnerabilidades sociais e territoriais. Em consonância com o ODS 4: Educação de qualidade, a proposta fortalece práticas pedagógicas inclusivas, participativas e contextualizadas, ao promover aprendizagem significativa, autoria estudantil e desenvolvimento de competências críticas relacionadas ao acesso, análise e produção de informações. Já em relação ao ODS 10: Redução das desigualdades, a coprodução e a Tradução do Conhecimento favorecem a democratização do acesso ao saber científico ao reconhecer, valorizar e integrar conhecimentos locais, culturais e comunitários, contribuindo para reduzir assimetrias informacionais e ampliar a equidade social. Dessa forma, a intersecção desses campos evidencia seu potencial como estratégia educativa, comunicacional e social comprometida com o desenvolvimento sustentável, a justiça social e a promoção da cidadania em contextos interculturais.

A Educação Midiática, na perspectiva da formação crítica para a informação em saúde, estabelece estreita relação com o Ensino Tecnológico, compreendido como uma estratégia formativa que ultrapassa o simples domínio técnico de recursos digitais. Nessa direção, o Ensino Tecnológico articula conhecimentos científicos, práticas pedagógicas e demandas sociais concretas, orientando-se pela construção de soluções contextualizadas para problemas que emergem da realidade dos sujeitos e de seus territórios (Gonçalves e Azevedo, 2021; Carvalho e Souza, 2023).

Desse ponto de vista, o Ensino Tecnológico é impulsionado pela articulação da teoria e prática, interdisciplinaridade e a criação de intervenções socialmente responsivas, ou seja, aprendizagem significativa e contextualizada. Quando aplicado no presente estudo, o Ensino Tecnológico aborda diretamente a ideia de coproduzir materiais informativos sobre geohelmintíases, ensinando professores a atuarem como participantes ativos e futuros mediadores na construção do conhecimento, na interpretação de dados científicos, no design de recursos de comunicação para fins de prevenção à saúde.

É, portanto, um ensino que emerge de situações reais, reconhecendo o território em que ocorre, a expertise local e as necessidades da comunidade escolar indígena. Além disso, o Ensino Tecnológico está relacionado à Educação Midiática, melhorando o uso crítico e criativo das linguagens e mídias, e à Educação em Saúde, facilitando a compreensão e intervenção em questões que afetam diretamente a qualidade de vida dos indivíduos (Carvalho e Souza, 2023).

Diante desse cruzamento, a coprodução de materiais informativos é organizada como uma prática pedagógica com elementos de conhecimento científico, comunicação e ação social



fundidos e alinhados com os princípios de Tradução do Conhecimento que transformam conteúdo técnico em linguagens acessíveis, culturalmente significativas e socialmente úteis

Portanto, o Ensino Tecnológico é delineado neste estudo como um subeixo articulador que conecta educação, ciência, comunicação e sociedade, criando indivíduos críticos e criativos que podem intervir em sua realidade usando o conhecimento. A Educação Midiática, por sua vez, é compreendida não como um recurso acessório, mas como um eixo pedagógico estruturante, capaz de mediar a relação entre conhecimento científico, linguagem, cultura, participação e prevenção em saúde.

1.3. Coprodução e tradução do conhecimento em saúde

A noção de Coprodução do Conhecimento vem ganhando centralidade em estudos e práticas que buscam superar modelos unidirecionais de ensino, comunicação e intervenção social.

Conforme o que preconiza a Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento em Saúde (Ecos, 2023), em termos gerais, a coprodução pressupõe a participação ativa de diferentes sujeitos na construção de conhecimentos, materiais, estratégias ou soluções para problemas concretos, reconhecendo que o saber não se produz exclusivamente em espaços acadêmicos ou institucionais, mas também na experiência cotidiana, nos territórios e nas práticas comunitárias, sobretudo, nas interculturais.

No campo da saúde, a coprodução tem se mostrado especialmente relevante por favorecer processos mais democráticos, contextualizados e sensíveis às necessidades reais dos públicos envolvidos. Em vez de simplesmente receber orientações prontas, os sujeitos participam da construção das mensagens, da definição das linguagens, da escolha dos formatos e da formulação dos conteúdos, tornando o processo educativo mais significativo e socialmente enraizado. Essa perspectiva é particularmente importante quando se trata de doenças relacionadas ao cotidiano, ao ambiente e às práticas culturais, como é o caso das geohelmintíases.

Articulada à coprodução, a Tradução do Conhecimento pode ser compreendida como o processo de adaptação, mediação e ressignificação de conhecimentos científicos para torná-los acessíveis, compreensíveis e úteis em contextos específicos. Diferentemente de uma simplificação técnica, a Tradução do Conhecimento envolve escolhas linguísticas, culturais, pedagógicas e comunicacionais que permitam ao conteúdo científico dialogar com as experiências concretas dos sujeitos. Trata-se, portanto, de uma prática de mediação que exige sensibilidade contextual, escuta e compromisso com a inteligibilidade social da ciência (Ferraz, Pereira e Pereira, 2019).



No ambiente escolar, a coprodução de materiais informativos constitui uma estratégia particularmente potente para a Tradução do Conhecimento em saúde, tendo em vista que ao participar da elaboração de materiais, os professores não apenas reproduzem informações, mas as reinterpretem, selecionam, reorganizam e comunicam a partir de seus repertórios, necessidades e contextos de vida. Esse movimento transforma a aprendizagem em processo ativo de autoria, reflexão e criação, ao mesmo tempo em que amplia a possibilidade de circulação social da informação em formatos mais próximos da realidade dos públicos envolvidos.

Para além disso, ancorados nos estudos de Vieira (2024), a proposta de Tradução e Coprodução do Conhecimento com professores de escolas indígenas pode ser compreendida, sob uma perspectiva decolonial, como um deslocamento intencional das lógicas tradicionais de produção e validação do saber, historicamente centradas em referenciais eurocêntricos e em práticas de transmissão verticalizada.

Corroboramos Vieira (2024) ao reconhecermos os professores indígenas como sujeitos epistêmicos e não apenas como mediadores de conteúdos externos, contribui para a desconstrução da ideia de que o conhecimento científico é o único legítimo, abrindo espaço para o diálogo horizontal entre diferentes matrizes de saber.

Nesse contexto, a Tradução do Conhecimento deixa de ser entendida como mera simplificação de informações e passa a assumir um caráter político e cultural, no qual sentidos são negociados, reinterpretados e ressignificados à luz das experiências, das línguas, dos territórios e das cosmologias indígenas. Ainda nesse movimento emergem as contra narrativas, não como oposição simplista ao discurso científico, mas como produções legítimas que tensionam, ampliam e reconfiguram os modos de compreender a saúde, o cuidado e a prevenção.

Assim, a Coprodução do Conhecimento configura-se como prática contra-hegemônica, ao valorizar a pluralidade epistêmica e promover a construção de conhecimentos situados, capazes de responder de forma mais sensível e significativa às realidades locais, ao mesmo tempo em que contribui para a afirmação de identidades, saberes e formas próprias de existir e produzir conhecimento (Vieira, 2024; Ferraz, Pereira e Pereira, 2019).

Quando mediada pela Educação Midiática, a coprodução de materiais informativos ganha densidade pedagógica adicional, pois incorpora competências de análise crítica, curadoria, linguagem, ética comunicacional e expressão criativa. Assim, o processo de produção do material deixa de ser apenas um “produto final” e passa a constituir-se como experiência formativa em si mesma, na qual aprender sobre saúde implica também aprender a produzir, interpretar e compartilhar informações de forma crítica e socialmente responsável



Nesse sentido, a coprodução de material informativo sobre geo-helmintíases em contexto escolar indígena configura-se como uma estratégia que articula educação, saúde, comunicação e cultura, permitindo a ampliação do conhecimento preventivo, assim como também, o fortalecimento do protagonismo docente, da valorização dos saberes locais e da participação cidadã.

1.4. A coprodução de material informativo em saúde como prática curricular interdisciplinar no contexto da educação escolar indígena

A articulação entre a coprodução de material informativo sobre geo-helmintíases e o currículo escolar pode ser compreendida, teoricamente, a partir de uma concepção de currículo que ultrapassa a lógica conteudista e disciplinar, assumindo-o como prática social, cultural e política, produzida nas relações entre escola, território, sujeitos e saberes.

Nessa perspectiva, o currículo deixa de ser visto como um conjunto fixo de conteúdos prescritos e passa a ser entendido como espaço de mediação entre conhecimentos escolares, experiências vividas, demandas comunitárias e problemáticas concretas da realidade local (Cavalcante *et al.*, 2023).

Assim, ao integrar conteúdos e práticas pedagógicas das áreas de Ciências da Natureza, Língua Portuguesa, Educação em Saúde, Linguagens e Comunicação, a proposta de coprodução do material informativo sobre geo-helmintíases insere-se no currículo como experiência formativa situada, capaz de articular aprendizagem escolar, participação docente e compromisso social (Brasil, 2007; Brasil, 2017; Roraima, 2019).

No campo das Ciências da Natureza, essa articulação é particularmente fecunda, uma vez que o estudo das geo-helmintíases possibilita abordar conhecimentos relacionados ao corpo humano, aos ciclos biológicos dos parasitas, às condições ambientais, à prevenção de doenças e à relação entre saúde e saneamento (Brasil, 2007; Brasil, 2017; Roraima, 2019).

Entretanto, em vez de restringir tais conteúdos a uma abordagem biologizante ou exclusivamente informativa, a proposta pedagógica os reinscreve em uma lógica problematizadora e contextualizada, aproximando o conhecimento científico das condições reais de vida das comunidades escolares indígenas.

Tal movimento está em consonância com perspectivas contemporâneas de ensino de Ciências, que defendem a aprendizagem de conceitos científicos em diálogo com questões socio científicas e com a realidade concreta dos estudantes e de suas comunidades, favorecendo não apenas a compreensão conceitual, mas também a tomada de posição crítica frente a problemas que afetam o cotidiano coletivo.



Ao mesmo tempo, a inserção da proposta na área de Língua Portuguesa e de Linguagens e Comunicação amplia o alcance formativo da experiência ao reconhecer que a prevenção em saúde também depende da capacidade de ler, interpretar, selecionar, produzir e compartilhar informações de forma clara, ética e socialmente pertinente. A coprodução do material informativo convoca os professores a mobilizar práticas de oralidade, leitura, escrita, escuta, argumentação, síntese e adequação linguística, convertendo a produção textual e multimodal em prática social significativa (Brasil, 2017; 2022)

Nessa lógica crítico-reflexiva, a linguagem não é apenas meio de expressão de um conteúdo previamente dado, mas elemento constitutivo da própria construção do conhecimento, especialmente quando se trata de traduzir informações científicas para formas comunicacionais culturalmente acessíveis e pedagogicamente relevantes.

Essa compreensão ganha ainda maior densidade quando articulada ao campo da Educação em Saúde, entendida não como ação complementar ou evento pontual no calendário escolar, mas como dimensão transversal da formação humana e da promoção da cidadania (Smith, 2021; Peres, 2023; Portela *et al.*, 2024).

Ao integrar a prevenção das geo-helmintíases às práticas curriculares, a escola assume a saúde como tema gerador de aprendizagens significativas, vinculando-a a experiências concretas do território e às necessidades reais dos estudantes. Isso permite deslocar a Educação em Saúde de uma perspectiva prescritiva, centrada em orientações normativas, para uma abordagem crítica, participativa e emancipatória, na qual os sujeitos são chamados a compreender, problematizar e transformar as condições que afetam sua vida e a de sua comunidade.

Sob essa ótica, a coprodução do material informativo não pode ser interpretada como atividade periférica ou “projeto paralelo”, mas como prática curricular integrada, pois articula saberes científicos, linguagens, experiências territoriais, reflexão crítica e produção social do conhecimento. A referida articulação confere à proposta um caráter interdisciplinar, na medida em que rompe com a compartimentalização rígida das áreas e constrói pontes entre conteúdos, competências e práticas sociais. Mais do que isso, trata-se de uma prática socialmente referenciada, uma vez que emerge de um problema concreto do contexto comunitário e retorna a ele sob a forma de intervenção educativa, produção informacional e fortalecimento das ações preventivas.

Essa leitura encontra respaldo tanto na DCRR (Roraima, 2019) e na BNCC (Brasil, 2017), especialmente quando se consideram suas competências gerais, que orientam a formação integral dos estudantes em diálogo com a formação de professores. A proposta alinha-



se, por exemplo, à competência que prevê a valorização e utilização dos conhecimentos historicamente construídos para compreender e explicar a realidade; com aquela que incentiva o pensamento científico, crítico e criativo; com a competência relacionada ao uso de diferentes linguagens para expressar e partilhar informações; e, de modo muito significativo, com a competência da cultura digital, que envolve o uso crítico, significativo e ético das tecnologias e dos processos de comunicação. Também se articula com a competência de responsabilidade e cidadania, ao promover a reflexão sobre saúde coletiva, direito à informação e compromisso comunitário com a prevenção.

No entanto, a inserção da proposta em contexto escolar indígena exige que essa articulação com a BNCC seja realizada de maneira não homogeneizadora, respeitando os princípios e especificidades da Educação Escolar Indígena. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica - DCNEI (Brasil, 2012) estabelecem que a escola indígena deve ser específica, diferenciada, intercultural, bilíngue ou multilíngue e comunitária, orientando-se pelo respeito aos processos próprios de produção e transmissão de conhecimentos, às formas de organização social, às línguas e aos projetos de vida dos povos indígenas.

Nessa perspectiva, o currículo escolar não pode ser mera reprodução de modelos universais descontextualizados, mas precisa ser construído em diálogo com o território, com os saberes ancestrais e com as necessidades da comunidade.

A proposta de coprodução do material informativo alinha-se a esses princípios ao reconhecer os professores e estudantes indígenas como sujeitos de conhecimento, e não apenas como receptores de conteúdos científicos. Envolver a comunidade escolar na análise, produção, tradução e validação das informações sobre geo-helmintíases, significa que a prática pedagógica valoriza repertórios locais, formas próprias de comunicação e experiências concretas de cuidado, configurando-se como exercício de interculturalidade crítica.

Sendo assim, o conhecimento científico não é imposto como saber superior, mas colocado em diálogo com outras epistemologias e práticas de vida, fortalecendo uma educação escolar comprometida com o pertencimento, a autonomia e a valorização cultural.

Seguindo esse mesmo entendimento, também encontra convergência com os princípios do Programa Saúde na Escola - PSE (Brasil, 2007), política intersetorial que articula educação e saúde na promoção do desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens da educação básica pública. O PSE propõe que a escola seja reconhecida como espaço estratégico para ações de promoção da saúde, prevenção de doenças e formação cidadã, incentivando



práticas pedagógicas integradas ao currículo e desenvolvidas em parceria com os serviços de saúde (Brasil, 2007).

Assim, a proposta de coprodução do material informativo sobre geo-helmintíases aproxima-se dos objetivos do PSE ao articular educação, inclusão, prevenção e participação, ao mesmo tempo em que amplia essa política por meio da incorporação da Educação Midiática como mediação crítica para o trabalho com informação em saúde.

Essa ampliação é relevante porque, em um cenário no qual o acesso à informação não garante, por si só, compreensão ou transformação social, a escola precisa formar sujeitos capazes de interpretar criticamente mensagens em saúde, produzir conteúdos confiáveis e participar ativamente da circulação de informações em suas comunidades.

Portanto, a coprodução do material informativo deixa de ser apenas uma estratégia de apoio didático e se apresenta como prática curricular potente, capaz de integrar os objetivos da educação científica, da promoção da saúde, da Educação Midiática e da educação escolar indígena em uma mesma experiência formativa.

Observamos, também, articulação consistente da proposta a BNCC Computação (Brasil, 2022) quando mobiliza, no contexto da educação escolar indígena, práticas formativas que promovem o uso crítico, criativo e ético das tecnologias e da informação; quando envolve professores na coprodução de materiais informativos em saúde, em que a pesquisa dialoga diretamente com as competências da BNCC Computação, especialmente aquelas relacionadas à análise crítica de impactos sociais das tecnologias, à produção e compartilhamento de informações em múltiplas linguagens e ao desenvolvimento de soluções contextualizadas a partir de problemas reais.

Paralelamente, a proposta converge com os princípios e eixos estruturantes da EBEM (Brasil, 2025), por fomentar a leitura crítica da informação, a autoria docente, a participação social e o enfrentamento à desinformação em contextos educativos e comunitários, reconhecendo a Educação Midiática como direito e como política pública voltada à cidadania digital e à integridade da informação.

Dessa forma, o estudo evidencia uma integração curricular que incorpora tecnologias e as ressignifica como ferramentas de mediação cultural, produção de conhecimento situado e fortalecimento do protagonismo docente e comunitário.

Em consonância com os preceitos da Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento em Saúde (Ecos, 2023) defendemos a produção e circulação do conhecimento como processos sociais, colaborativos e orientados à transformação da realidade. Ao passo em que cria uma experiência de coprodução de materiais informativos sobre saúde no contexto



escolar indígena, mediada pela Educação Midiática, o estudo adota a perspectiva da Tradução do Conhecimento, envolvendo a conversão de saberes científicos em conteúdos que sejam acessíveis, culturalmente relevantes e socialmente valiosos.

Esse tipo de abordagem facilita o acesso a informações qualificadas, e, também promove uma apropriação crítica por parte dos indivíduos, incentivando o diálogo entre diferentes sistemas de conhecimento, como o científico e o tradicional, e fortalecendo a capacidade de tomar decisões informadas em questões de saúde.

Ademais, ao incluir os professores como figuras centrais na criação e validação das informações, essa proposta ajuda na democratização do conhecimento, amplia a integridade das informações disponíveis e fortalece redes locais de aprendizado. Isso está alinhado com os objetivos da Rede, que visa promover a circulação adequada do conhecimento e seu uso efetivo em contextos reais relacionados ao cuidado e à Educação em Saúde.

Portanto, a proposta reafirma a escola indígena como espaço de produção de conhecimento socialmente relevante, no qual currículo, território, saúde e comunicação se entrelaçam na formação de sujeitos críticos, autores e comprometidos com a transformação de sua realidade.

Pudemos observar a integração entre os documentos: DCNEI, DCRR, BNCC, BNCC Computação, EBEM, PSE, e, os preceitos da Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento em Saúde, cujo estudo demonstra que abordagens pedagógicas contextualizadas e interdisciplinares podem favorecer a construção de uma Educação em Saúde mais democrática, culturalmente relevante e engajadora com foco na promoção da cidadania e do bem-estar coletivo.

2. TECITURAS DO FAZER INVESTIGATIVO: ITINERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Ao propormos a integração Educação Midiática, Educação em Saúde, e, Coprodução e Tradução do Conhecimento em contexto escolar indígena, estamos trilhando caminhos que ainda não percorremos, em um itinerário investigativo em construção. Em contrapartida, as discussões teóricas suscitadas na seção anterior nos fazem perceber as diversas nuances e possibilidades que reverberam nessa interface.

Esse fazer investigativo já nos direciona para um estudo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória, em que desenhamos uma proposta de intervenção, com posterior definição de categorias analíticas que subsidiarão a análise de dados orientado pelos pressupostos da Educação em Saúde, da Educação midiática e da Coprodução e Tradução do Conhecimento (Minayo, 2014; Gil, 2017; 2019; 2021; Creswell, 2014; 2022).



A perspectiva participativa a ser adotada considera os professores, público-alvo da proposta, tanto como informantes da pesquisa, quanto como sujeitos ativos na construção do conhecimento, na elaboração dos materiais e na reflexão sobre os processos educativos a serem desenvolvidos. Sendo assim, considera-se que esse itinerário é coerente com a proposta de investigação, uma vez que o objetivo do estudo não se limita à avaliação do “produto final” (neste caso, a proposta de intervenção pedagógico-midiática e o material que será coproduzido), mas se concentra na compreensão do papel da Educação midiática como estratégia de mediação pedagógica e formativa no processo de coprodução da informação/conhecimento em saúde.

2.1. Desenho da intervenção pedagógica-midiática

Propõe-se que a intervenção pedagógica-midiática seja desenvolvida por meio de um itinerário formativo organizado em movimentos articulados, concebidos como etapas interdependentes que incluem: escuta, problematização, produção e avaliação. Os movimentos integram ações de Educação em Saúde e Educação Midiática, tendo como foco a coprodução de material informativo sobre geo-helminthíases em diálogo com o contexto escolar indígena, conforme detalhamento do quadro a seguir:

Quadro 1. Itinerário formativo - Movimentos na educação em saúde

Movimentos	Atividades e objetivos
Movimento 1: Diagnóstico educativo-midiático	Na etapa inicial, serão realizadas rodas de conversa, atividades investigativas e observação participante com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos professores sobre a geo-helminthíases, suas percepções sobre prevenção e cuidado, bem como os modos pelos quais acessam, compartilham e atribuem credibilidade às informações em saúde. Essa etapa permitirá compreender a relação dos professores com a informação e mapear as linguagens e repertórios mais significativos para o processo de coprodução.
Movimento 2: Formação em Educação Midiática e informação em saúde	Neste movimento, serão desenvolvidas atividades pedagógicas voltadas à leitura crítica da informação em saúde, à análise de conteúdos preventivos, à discussão sobre clareza, confiabilidade e adequação comunicacional, bem como à reflexão sobre a circulação de informações no contexto comunitário. A Educação Midiática será trabalhada como prática de análise, curadoria e produção de sentidos, favorecendo a ampliação da criticidade informacional dos estudantes.
Movimento 3: Coprodução do material informativo	Com base nos conhecimentos mobilizados nas etapas anteriores, os professores participarão de atividades práticas, tipo práticas orientadas pela abordagem “mão na massa”, para a elaboração



	colaborativa de um material informativo sobre geohelmintíases, definindo coletivamente linguagem, formato, conteúdo, estética e estratégias de comunicação. O processo envolverá a Coprodução e Tradução do Conhecimento científico para formas comunicacionais culturalmente adequadas, dialogando com saberes locais e experiências vividas.
Movimento 4: Validação e circulação do material	Após sua elaboração, o material será submetido à validação coletiva, considerando critérios de clareza, adequação cultural, pertinência pedagógica e potencial de uso no ambiente escolar. Posteriormente, será prevista sua socialização no espaço escolar e, quando pertinente, em outros contextos da comunidade, ampliando sua função educativa e comunicacional.
Movimento 5: Avaliação das contribuições da Educação Midiática	Na etapa final, serão realizadas atividades de reflexão e avaliação com os participantes, buscando identificar de que forma a experiência contribuiu para a ampliação do conhecimento sobre prevenção, para o desenvolvimento de competências midiáticas e para o fortalecimento do protagonismo docente e da participação em ações de saúde.

Fonte: Elaborado pelas autoras com recursos do ChatGPT⁷, 2026.

A escolha por esse desenho metodológico justifica-se pela necessidade de compreender, em profundidade, os significados, percepções, práticas e formas de participação dos sujeitos envolvidos no processo de coprodução do material informativo, bem como analisar as contribuições formativas decorrentes dessa experiência no contexto escolar indígena.

A adoção do termo *movimentos* para designar o itinerário formativo fundamenta-se na compreensão da formação docente como um processo dinâmico, não linear e em permanente construção, no qual os participantes transitam por diferentes etapas que se inter-relacionam, se retroalimentam e se ressignificam ao longo da experiência formativa.

Diferentemente de uma lógica sequencial rígida, o conceito de movimentos expressa a ideia de deslocamento, abertura e transformação, evidenciando que cada etapa do itinerário - diagnóstico, formação, coprodução, validação e avaliação - constitui um momento articulado de um processo maior, marcado pela interação entre sujeitos, saberes e contextos

⁷ A ferramenta ChatGPT - Openai (Disponível em: <https://chatgpt.com/>), baseada em inteligência artificial (IA) generativa, foi empregada de modo auxiliar na construção do itinerário formativo, cujas informações foram revisadas, avaliadas, editadas e consolidadas no quadro. Ressaltamos que a utilização da IA teve caráter, exclusivamente de suporte, sendo o conteúdo final produzido de forma autoral, a partir da curadoria crítica e reflexiva das pesquisadoras (Mendonça, Vasquez e Farias, 2025; Mendonça e Azevedo, 2025; Mendonça, 2025).



A escolha terminológica dialoga com abordagens críticas da formação docente e da Educação em Saúde, nas quais aprender implica problematizar a realidade, produzir sentidos e agir sobre ela, em um fluxo contínuo de reflexão e prática. Assim, ao falar em movimentos, enfatizamos o caráter vivo, processual e colaborativo da formação docente, reconhecendo que o conhecimento se constrói no percurso, nas trocas e nas experiências compartilhadas (Freire, 2011; Imbernón, 2009, 2011; Nóvoa, 2017, 2019).

Por fim, o itinerário formativo proposto aproxima-se dos pressupostos do Ensino Tecnológico, ao estruturar-se a partir de uma situação-problema real - a prevenção das geohelmintíases - e ao envolver os professores na elaboração de uma solução concreta por meio da coprodução de material informativo. Tal abordagem favorece a articulação entre conhecimentos científicos, práticas pedagógicas e demandas sociais, promovendo aprendizagens contextualizadas e orientadas à intervenção. Nesse sentido, a Educação Midiática atua como mediação para o desenvolvimento de competências comunicacionais e críticas, enquanto a Tradução do Conhecimento possibilita a adaptação dos conteúdos científicos à realidade sociocultural da comunidade, configurando um itinerário formativo integrado, característico do Ensino Tecnológico (Gonçalves e Azevedo, 2021; Carvalho e Souza, 2023).

2.2. Contexto do campo de pesquisa e participantes

A presente proposta interventiva destina-se às escolas indígenas considerando as especificidades socioculturais, territoriais e pedagógicas dessas comunidades escolares (Brasil, 2012).

O público-alvo são professores de escolas indígenas, selecionados de forma intencional, com base na adesão voluntária e na pertinência de sua participação para o desenvolvimento das atividades propostas.

Conforme o que preconiza o Conselho Nacional de Saúde (CNS) por meio do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), a inserção dos sujeitos no estudo deverá observar os princípios éticos aplicáveis às pesquisas com seres humanos e as especificidades relacionadas à pesquisa em contexto indígena, incluindo o respeito às formas coletivas de decisão, às dinâmicas comunitárias e às mediações institucionais necessárias (Brasil, 2000; 2012).

2.3. Contexto da produção e análise dos dados

Sugere-se que a produção de dados seja realizada por meio de diferentes dispositivos qualitativos, incluindo registros dos encontros formativos - rodas de conversa, observação participante, atividades práticas (mão na massa), diário de campo, produções dos professores,



registros escritos e audiovisuais do processo de coprodução e instrumentos reflexivos aplicados ao longo da experiência. Essa diversidade de fontes permitirá captar tanto os aspectos processuais quanto os sentidos atribuídos pelos participantes às atividades desenvolvidas.

Já a análise dos dados pode ser realizada por meio da Espiral de análise com a definição de categorias temáticas *a posteriori*, conforme Creswell (2014; 2022), buscando identificar categorias emergentes relacionadas à Educação midiática, à Educação em Saúde, à Tradução do Conhecimento, à autoria docente, à adequação cultural e às práticas de prevenção; ou ainda, por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), método bastante pertinente para a proposta interventiva em questão, em que se observa: a Pré-análise: organização; a Exploração do material: codificação e organização; e, o Tratamento dos resultados: inferências e interpretações.

Independentemente do método a ser utilizado, recomenda-se que a análise seja orientada pela compreensão de que os materiais produzidos e os discursos dos participantes expressam conteúdos aprendidos, e, também, formas de apropriação, ressignificação e compartilhamento do conhecimento em saúde.

Esta seção também deve buscar compreender os deslocamentos formativos produzidos ao longo da experiência, especialmente no que se refere à leitura crítica da informação em saúde, à autoria docente, à Tradução do Conhecimento científico e ao fortalecimento das ações preventivas no contexto escolar indígena.

Apresentada a proposta da intervenção pedagógica-midiática, retomamos as tecituras do fazer investigativo, que anunciam uma compreensão da metodologia como um processo vivo, em constante elaboração, no qual os caminhos não estão previamente fixados, mas se desenham no próprio movimento da pesquisa. Assim, apesar de fazermos esse desenho da intervenção, é importante frisar que o percurso se constrói na relação entre sujeitos, contextos e experiências, acolhendo incertezas, deslocamentos e descobertas como parte constitutiva do fazer científico.

Esse itinerário investigativo ganha contornos ainda mais sensíveis quando situado no contexto da pesquisa com comunidades indígenas, onde o percurso metodológico se constitui, necessariamente, na relação com os sujeitos, seus saberes, tempos e modos de vida. Nesse cenário, investigar deixa de ser um movimento linear para se tornar um processo vivo, dialógico e situado, que se tece no encontro, na escuta e no respeito às territorialidades e às epistemologias próprias dessas comunidades.

Portanto, este itinerário se constrói de forma compartilhada, acolhendo ajustes, aprendizados e deslocamentos que emergem da convivência e da interação, reconhecendo que o conhecimento não se impõe, mas se produz na relação, na troca e na abertura ao outro,



revelando-se uma trama em contínua tecitura, na qual investigar é também aprender, (re)significar e se transformar ao longo do percurso.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso teórico-metodológico desenvolvido, reconhecemos a potencialidade formativa da proposta de intervenção apresentada, especialmente por articular, de forma integrada, campos ainda pouco explorados em conjunto na produção acadêmica: Educação em Saúde, Educação Midiática, Educação Escolar Indígena, Coprodução e Tradução do Conhecimento. Ao tomar as geo-helminthiases como problema concreto de investigação e intervenção pedagógica, o estudo evidencia possibilidades de construção de práticas educativas mais críticas, contextualizadas e culturalmente sensíveis.

Do ponto de vista pedagógico, as discussões suscitadas demonstram a relevância da coprodução de materiais informativos enquanto estratégia curricular interdisciplinar capaz de mobilizar autoria, protagonismo docente e diálogo entre saberes científicos, escolares e comunitários.

Como limites da proposta de intervenção pedagógica-midiática apresentada, destacamos a possibilidade de sua realização em contexto específico, com número limitado de participantes, muito comum nas pesquisas realizadas em escolas indígenas, o que pode inviabilizar interpretações mais amplas sobre a efetividade da proposta, embora possa favorecer a compreensão inicial do fenômeno investigado.

Nesse sentido, aponta-se como agenda futura de estudo, a apresentação de resultados concretos da aplicação da proposta para a compreensão aprofundada do referido fenômeno; a ampliação de estudos em diferentes escolas e comunidades indígenas; a análise longitudinal dos efeitos pedagógicos e preventivos dos materiais coproduzidos, bem como a investigação do uso de linguagens digitais e multimodais na promoção da saúde em contextos interculturais.

Ademais, com a continuação do estudo e futura aplicação da proposta será possível averiguar também o potencial de replicabilidade em diversos contextos escolares indígenas, especialmente em territórios marcados por vulnerabilidades socioambientais e desafios relacionados à circulação da informação em saúde, desde que respeitadas as singularidades culturais e curriculares de cada realidade.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena - DCNEI. **Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012**. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - BNCC. **Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Complemento a BNCC - BNCC Computação. **Resolução Nº 1, de 4 de outubro de 2022**. Brasília: MEC, 2022.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. **Estratégia Brasileira de Educação Midiática - EBEM**. Brasília: Secom, 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa de Saúde na Escola. **Decreto Nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Brasília: MS, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 304 de 09 de agosto de 2000**. Brasília: CNS, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília: CNS, 2012.

BALBINO, Layane. F. *et al.* Intestinal protozoan infections and environment conditions among rural schoolchildren in Western Brazilian Amazon. **Brazilian Journal of Biology**, São Carlos, v. 83, e247089, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1519-6984.247530>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bjb/a/s5GHcnfcSkJtKxpy7G6bWcd/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 25 mar. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. [Tradução: Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro]. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUCKINGHAM, David. **Media Education: Literacy, Learning and Contemporary Culture**. Cambridge: Polity, 2003.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 3 mai. 2025.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela Educação Midiática**. [São Paulo] Edições Sesc, 2022.

CARVALHO, Virginia G. da A.; SOUZA, Ana Cláudia R. de; ANIC, Cinara C. Formação continuada do professor reflexivo para a educação midiática: panorama das pesquisas realizadas nos últimos cinco anos. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. e-rte351202605, 2026. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-7003.2026v35n1.69992>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/69992>. Acesso em: 5 abr. 2026.

CARVALHO, Virginia G. de A.; SOUZA, Ana Cláudia R. de. Refletindo sobre os conceitos de letramento midiático, Mídia-Educação, Alfabetização midiática e informacional e Educação



Midiática na perspectiva da formação de professores. In: CARVALHO, Virginia G. de A.; SOUZA, Ana Cláudia R. de. (Orgs) **Conexões amazônicas: refletindo sobre o ensino e a formação de professores**. 1. ed. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural, 2025. Cap. 7. p. 149-169.

CARVALHO, Virginia G. de A.; SOUZA, Ana Cláudia R. de. Desafios do Ensino Tecnológico: reflexões sobre o papel do professor e da escola em tempos de Inteligência Artificial. In: 9º SETA - SIMPÓSIO DE ENSINO TECNOLÓGICO NO AMAZONAS, 2023. Manaus, **Anais SETA: 2023**, p. 150-159. Disponível: https://drive.google.com/file/d/1ZiN_Wq-nQ_g8ZKIA8sMcfhiM-WjsQUjJ/view.

Acesso em: 30 mar. 2026.

CAVALCANTE, Gardênia. M. B. *et al.* A estrutura curricular de uma escola indígena: Específica, diferenciada, intercultural e trilingue em Roraima. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], p. 34–53, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24979/kfj2t519>. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/1206>. Acesso em: 5 abr. 2026.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa** [recurso eletrônico]: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. 3. ed. - Dados eletrônicos - Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, John D. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. Sage Publications, 2022.

ECOS. **Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento em Saúde**. Disponível em: <https://ecos.unb.br/rede-brasil/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

FAGUNDES, Alan C. *et al.* Tecendo saberes na maloca digital: tecnologias digitais e projetos pedagógicos na prática educativa da educação escolar indígena. (2026). **REMUNOM**, 1 (02), 1-14. <https://doi.org/10.61164/tth9ky48>. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/5308/4999>. Acesso em: 6 abr. 2026.

FERRARI, Ana Claudia; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia da Educação Midiática**. 1 Ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FERRAZ, Lucimare; PEREIRA, Rui Pedro G.; PEREIRA, Altamiro Manuel R. da C. Tradução do Conhecimento e os desafios contemporâneos na área da saúde: uma revisão de escopo. Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S215>. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial 2, p. 200-216, nov 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/hvLqmkWFGwytPvC3BkwLgZk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 5 abr. 2026.

FREIRE, Wendel; PARENTE, Cristiane; KAPA, Raphael. **Educação Midiática: para uma democracia digital**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Barueri, SP: Gen Atlas, 2019.



GIL, Antonio Carlos. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Barueri, SP: Gen Atlas, 2021.

GONÇALVES, Karen. M.; AZEVEDO, Rosa. O. M. Discussões em torno do Ensino Tecnológico. In: SIMPÓSIO EM ENSINO TECNOLÓGICO DO AMAZONAS, 7. 2021, Manaus, **Anais SETA**, Manaus, 2021. p. 208-215. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1NZHZVnUJ69m_Dy1GdoxoPzMzotRtT-L2/view. Acesso em: 30 mar. 2026.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado**: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LANGDON, Esther Jean. Saúde e povos indígenas: os desafios na virada do século. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2004. Disponível em: <https://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto55/FO-CX-55-3508-2006.PDF>. Acesso em: 25 mar. 2026.

LIMA, Vilane Adalgisa T. de. *et al.* Tendência temporal das doenças tropicais negligenciadas no Estado de Roraima, Brasil (2018–2023). **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v.18, n.3, p. 01-15, 2026. DOI: 10.55905/cuadv18n3-024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/issue/view/129>. Acesso em: 6 abr. 2026.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61>. Disponível em: https://revistas.usp.br/comueduc/pt_BR/article/view/36920. Acesso em: 2 abr. 2026.

MENDONÇA, Andréa P.; VASQUEZ, Felicien, G.; FARIAS, Marcela Sarah. **IA generativa como assistente para pensar o produto educacional**. v. 1. IFAM: Manaus, 2025. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/18_Rt4YZcJ8-nuD2RpVD0bTPJQVdrpdvM/view. Acesso em: 5 abr. 2026.

MENDONÇA, Andréa P.; AZEVEDO, Rosa O. M. **Orientações para o uso da inteligência artificial generativa (IAGen) no contexto acadêmico e de pesquisa**. IFAM: Manaus, 2025. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aHnt2Rt-x9T5RX7ozynPFMzBpfpTmAJB/view>. Acesso em: 5 abr. 2026.

MENDONÇA, Andréa P. **IA Generativa na educação: um ponto de partida para pesquisadores, professores e estudantes**. IFAM: Manaus, 2025. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1cuozKDY_dB3tLOGMbTwStPKKeEclrg_x/view. Acesso em: 5 abr. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**. V.47, n.166, p. 1106-1133, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053144843>. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2026.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>. Disponível: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Global report on neglected tropical diseases 2024**. Geneva: World Health Organization; 2024. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240091535>. Acesso em: 29 mar. 2026.

PALHANO-SILVA, Cassius S. *et al.* Intestinal Parasitic Infection in the Suruí Indians, Brazilian Amazon. **INCI**, Caracas, v. 34, n. 4, p. 259-264, 2009. Disponível em http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0378-18442009000400008&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 27 mar. 2026.

PERES, Frederico. Alfabetização, letramento ou literacia em saúde? Traduzindo e aplicando o conceito de *health literacy* no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 28(5):1563-1573, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023285.14562022>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/cdmwH5gd66VNCXhVQJXJ3KD/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2026.

PORTELA, Vanessa R. de O. *et al.* Avaliação da literacia em saúde entre professores e profissionais de saúde do Programa Saúde na Escola, Bahia, Brasil. **Reciis - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 606-620, jul/set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v18iAhead-of-Print.4056>. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/4056>. Acesso em: 2 abr. 2026.

RORAIMA (Estado), Complemento a BNCC - **Diretrizes Curriculares de Roraima (DCRR)**. Roraima: Consed/Undime, 2019. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_rr.pdf. Acesso em: 1 abr. 2026.

SMITH, Graeme D. Literacia em saúde: a perspectiva da enfermagem. **Revista de Enfermagem Referência**, vol. V, n. 8, e21ED8, 2021. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Portugal. DOI: <https://doi.org/10.12707/RV21ED8>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388270215001>. Acesso em: 28 mar. 2026.

SOUSA, Leilane B. de. *et al.* Práticas de Educação em Saúde no Brasil: a atuação da enfermagem. **Rev. Enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, jan/mar 2010. 18(1): 55-60. Disponível em: <https://www.revenf.bvs.br/pdf/reuerj/v18n1/v18n1a10.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2026.

VIEIRA, Cláudio Henrique. Etnomídias indígenas: *Rádio Yandê e Mídia indígena* - educomunicação e produção de contranarrativas. **Revista Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 134 - 152 - jul/dez (2024). Doi: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2024v13n24p134-152>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/P.2237-9967.2024v13n24p134-152/>. Acesso em: 3 abr. 2026.